

DESENCANTO E UTOPIA EM *QUARUP*, DE ANTONIO CALLADO

– ADELINE ALVES VASSAITIS

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o romance *Quarup* (1967), de Antonio Callado, através de uma perspectiva integradora, que possa relacionar adequadamente texto e contexto. Assim, buscaremos refletir sobre as formas de figuração da realidade histórico-social brasileira no romance, partindo de apontamentos críticos acerca da diversidade de posições ideológicas que marcam o universo ficcional construído por Callado.

Palavras-chave: Romance brasileiro; História; Representação; *Quarup*; Dialogismo.

ABSTRACT

The current article aims to analyze the novel Quarup (1967), written by Antonio Callado, through an integrative perspective that relates text and context. Thus, we aim to discuss the forms of figuration of the Brazilian history in the novel, starting from critical notes about the diversity of ideological positions that marks the fictional universe built by Callado.

Keywords: Brazilian novel; History; Representation; Quarup, Dialogism.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem por objetivo analisar o romance *Quarup*, escrito em 1967 por Antonio Callado, situando-o no âmbito dos problemas histórico-literários suscitados pelo golpe militar de 1964. De acordo com esse procedimento, o romance parece conceber um inventário de posicionamentos intelectuais que, de alguma forma, marcaram a história do país. Os impasses instaurados pelo novo contexto demandam um rearranjo de posições historicamente representativas, o que leva os escritores mais conscientes a procurar novas alternativas para a representação do país no âmbito da ficção. *Quarup* pode ser considerado um marco nesse processo crítico, ao mobilizar discursos, confrontando-os através do diálogo. Esse fenômeno também ocorre mesmo quando o debate não é marcado textualmente, uma vez que o contraponto também é desenvolvido através do cotejamento de ideias diluídas nos fundamentos que integram o universo ficcional da obra.

Considerando esse panorama, o presente estudo dedica-se a investigar as formas de representação das figuras intelectuais no romance de Antonio Callado. Assim sendo, nosso objetivo inicial é investigar a natureza dos personagens construídos na narrativa, considerando, sobretudo, os discursos e as ações dessas figuras. Entendemos que a narrativa, na esteira de muitas obras que refletem sobre o papel do intelectual no contexto pós-golpe, busca problematizar a representação da *intelligentsia* brasileira através de um multiperspectivismo, que inclui tanto o olhar do narrador quanto o dos personagens. Essa dinâmica complexa mostra que as projeções da realidade construídas por qualquer discurso podem ser facilmente relativizadas.

Também acreditamos que a dinâmica dissonante das “teses”¹ apresentadas na obra aponte para um esgotamento do modelo intelectual “tutelador”, na medida em que estiliza as dificuldades de convergência dos discursos da intelectualidade em torno de um mesmo projeto coletivo. Desse modo, a obra parece dar forma a uma tentativa de revisão das representações sociais e modos de intervenção política do período anterior ao golpe. Historicamente, no Brasil, a camada letrada, enquanto detentora do poder discursivo, intervém ostensivamente no debate público e elabora políticas para a nação. No entanto, a reviravolta provocada pelo golpe de 64, que, segundo Roberto Schwarz (Cf. 1978, p. 62), extirpou as relações outrora ensaiadas entre a intelectualidade e os setores das classes populares, deixa sem lastro a figura do intelectual comprometido com os destinos do país. O historiador Carlos Guilherme Mota (2014, p. 288) também identifica a crise da intelectualidade mais progressista vivendo sob o colapso do populismo. Segundo Mota, esse setor viu-se obrigado a “renunciar ao ideal mannheniano de intelectual (sempre à frente do

[1] O presente texto trabalha com a noção de “tese” fora do esquema lógico tradicional (tese, antítese, síntese), considerando a ausência da síntese nesse processo. Na nossa acepção, a “tese” é um campo de conceituações em aberto, que, inclusive, admite a presença de pontos de vista contraditórios no mesmo discurso. A formulação parte das considerações do crítico Theodor Adorno. (cf. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009; Teoria Estética. Lisboa: Edições 70, 1970).

processo histórico) e a integrar-se no sistema, ou, num outro caminho, a partir para posições mais radicais, fora dos quadros consentidos”.

Nessa nova situação, os artistas e intelectuais de esquerda ainda detêm a hegemonia cultural, mesmo só dialogando com seus pares. O discurso romanesco de *Quarup* parece captar esse impasse comunicativo e refletir sobre o isolamento do artista/intelectual, evidenciando uma espécie de crise discursiva. Esta, como já atestou a crítica Ligia Chiappini Leite (1983), aponta para a necessidade de os setores da *intelligentsia* partirem de fato para a ação revolucionária.

Apesar dessa dimensão crítica, a narrativa também possui ambiguidades, principalmente no que se refere às suas projeções utópicas. Nesse âmbito, as contradições se revelam através da representação idealizada dos índios, camponeses e pescadores. Além disso, mesmo encenando a crise da intelectualidade brasileira, *Quarup* acaba por sacralizar a figura do intelectual que se despe de sua formação erudita, alçando-o a uma espécie de messias revolucionário. A trajetória do protagonista do livro, padre Nando, vai do isolamento completo em um mosteiro à adesão às primeiras guerrilhas rurais.

Depois de problematizar a postura de Nando, enfatizando a inconstância do caráter e das ações do personagem, o encaminhamento da narrativa revela uma aposta na figura do intelectual deformado pelas contradições do populismo como uma espécie de guia das ações políticas dos camponeses. O simples fato de o intelectual tentar se irmanar ao “povo”² através de uma disposição messiânica e sem que houvesse de fato uma transformação social já denuncia o caráter problemático dessa aposta. Além disso, o desfecho do romance revela ainda uma postura vanguardista que recoloca o intelectual à frente do processo histórico através da adesão à luta armada.

I.

Quarup narra a história de Nando – um jovem padre pernambucano que possui uma grande erudição, mas pouco convívio com a realidade. No início da narrativa, padre Nando crê na necessidade de rejeitar as coisas mundanas e de buscar a purificação da alma através da contemplação religiosa. Veremos que ao longo de sua trajetória Nando, em razão de inúmeras contradições presente em sua esfera íntima, terá dificuldade em traduzir seus anseios em ação. Apesar dessa permanente tensão, o personagem é construído como uma espécie de ser predestinado a assumir uma missão espiritual e socialmente importante.

Na solidão do mosteiro, Nando também é responsável por cuidar de uma série de azulejos que retratam a vida e o êxtase de Santa Teresa D’Ávila, monja espanhola que descrevia suas experiências místicas em termos

[2] A noção de “povo” disseminada nos anos do nacional-populismo não possuía contornos claros. Na publicação dedicada a explicar *Quem é o povo no Brasil*, Nelson Werneck Sodré (cf. 1962, p. 14) argumenta que o conceito de “povo” estava em constante mutação e que a sua classificação seria muito mais maleável do que a rígida divisão feita por classes sociais. Acreditamos que, em *Quarup*, a noção de povo abarque tanto os índios como os pescadores, os camponeses e as prostitutas nordestinas, ou seja, todos os setores que, de diferentes formas, são marginalizados pela sociedade.

eróticos³, associando o amor divino ao carnal. Não por acaso, a santa, também chamada de Teresa de Jesus, refere-se ao Cristo como seu marido e é descrita por Nando como uma “*vamp* de Deus nascida quando seu crucificado amante desembarcava das naus no Brasil” (CALLADO, 2014, p. 10). Baseando-se na experiência da reformadora, o jovem padre tenta sublimar seus impulsos sexuais através da meditação transcendental, que pressupõe o isolamento e a introspecção.

Assim como ocorria com Santa Teresa e outros místicos agraciados, na primeira passagem do romance, Nando tem uma visão que possui contornos proféticos. Durante sua meditação diária, o padre vislumbra a imagem do Juízo Final. Nesse contexto, Nando e outros frades franciscanos são julgados por um Deus severo e implacável. A cena apresenta um julgamento bastante tendencioso, já que os religiosos não possuem voz ou testemunho de defesa, tudo é colocado contra eles na balança que pesa os pecados:

Vivos ali só Nando com a lamparina de querosene e Cristo na luz da sua glória.

Diante do Cristo a temível balança onde os menores pecados de omissão e de intenção rompiam a linha de fé, deslocando com extravagância o fiel [...]

[...] É que o Cristo em glória só julgava ali homens de Deus, que haviam escolhido viver crucificados no travessão daquela balança.

Para os homens em geral a misericórdia aligeirava os pesos e até invertia a operação, descolando da própria massa pútrida dos pecados mortais a semente boa que muitas vezes fora sua origem. Para eles, não. Por trás de sua balança Cristo juiz encarava Nando. De costas para Nando e muito próximos de Cristo, seis franciscanos imóveis, três a cada lado, cabeças baixas cobertas do capuz.

Enfrentavam a lei. E para eles não havia misericórdia.

[...] Começara um julgamento sem dúvida mais grave. Era Nando que subia entre as duas filas de franciscanos. Subia. Cresciam diante dos seus olhos a balança, a escala, os cutelos, os duros pratos prontos a reagirem a um frêmito de culpa. Enquadrado, dividido pelas linhas da balança, Cristo crescente para Nando caminhante. Cristo duro. Balança ele próprio. Cristo matemata. Nando ultrapassou os que eram julgados diante da balança, ultrapassou a balança, colocou-se ao lado direito do Cristo e mirou em frente. (idem, p. 9-10)

[3] No ensaio “Três poemas sobre o êxtase”, Leo Spitzer analisa as imagens eróticas que aparecem na lírica de San Juan de La Cruz e enfatiza a presença do Eros na tradição da mística espanhola.

As imagens sombrias construídas na cena que descreve um “juízo”, “trevas” e “capuzes” e a aplicação rigorosa da “lei” sem misericórdia estarão presentes novamente no capítulo “A palavra”, quando Nando é interrogado e torturado nos porões do IV Exército. Ao ligarmos esse momento inicial da obra com o episódio do penúltimo capítulo, podemos interpretar que a arbitrariedade por trás da prisão política de Nando constrói a mesma atmosfera de impotência presente na passagem que apresenta o julgamento divino. Na visão do crítico Arturo Gouveia de Araújo (2006, p. 10-11), as imagens que constam na introdução do livro já apresentam um potencial no que se refere à representação da violência ditatorial. No entanto, essas figuras terão maior concretude no penúltimo capítulo da obra, quando o discurso autoritário e punitivo do exército, encarnado sinistramente no personagem do Coronel/Inquisidor Ibiratinga, ganha espaço.

Analisando o trecho destacado, também é possível notar que o olhar do narrador como uma espécie de câmera escolhe focar Cristo e depois Nando, como se quisesse entrelaçar os seus destinos e colocar os dois no mesmo nível, de onde se confrontam e miram as caveiras dos demais frades franciscanos. O paralelo entre Nando e Cristo revela a proximidade entre ambos e já adianta alguns elementos da trajetória do personagem. Ademais, quando Deus passa a julgar Nando, o narrador afirma que se trata de um julgamento ainda mais grave do que os demais, como se as ações de Nando fossem mais importantes do que as de outros frades, o que nos faz refletir sobre a possibilidade de Nando ser uma espécie de “escolhido” pela divina providência.

O enfoque da narração é inicialmente objetivo e descreve de maneira aparentemente distanciada os elementos do quadro narrado; no entanto, à medida que somos introduzidos nesse universo, o narrador parece aderir cada vez mais à perspectiva do personagem, de modo que as vozes deles chegam a misturar-se:

Mas a pupila de Nando não chegou a se apagar na meditação da morte porque foi ferida por um tom vermelho. Que podia ser? Que vermelho era aquele entre as cores sujas do ossuário? Sangue na caveira ilustre do frade à esquerda? Uma sangrenta marca de mão? Talvez uma das brincadeiras idiotas de Hosana. Mas o riso que chegou a seus ouvidos foi outro. (CALLADO, 2014, p. 8)

Na continuação da cena inicial, o espaço sagrado em que Nando se refugiava para não ter contato com o mundo exterior é invadido pelo signo da violência da luta social. Levindo, um trotskista que prega aos camponeses pernambucanos a necessidade de realizar uma revolução armada, havia sido baleado na mão por um policial e procurava um esconderijo para não ser preso

depois de comandar uma rebelião em um latifúndio. A entrada do jovem revolucionário no ossuário permite que o narrador afaste seu enfoque do protagonista e ceda a voz a Levindo. Por meio dessa sutil mudança, o narrador parece oferecer ao leitor a oportunidade de relativizar a postura religiosa dogmática de padre Nando, caracterizada pelo isolamento em relação ao mundo, uma vez que a urgência das lutas sociais historiciza os elementos que compõem o quadro descrito, inicialmente envolto em um halo místico e atemporal:

— Você pensou mesmo que o esqueleto tinha aberto os pulsos, Nando? – disse Levindo.

Todos os seus novos amigos já o tratavam assim, pelo nome. Não era mais “padre”. A dispersão do mundo dispersava também a sua pessoa. Seu medo de partir para a missão que o uniria a si mesmo resultava nisto [...]

[...] — Como é que você entrou aqui? – disse Nando.

Levindo sorriu malicioso e meneou a cabeça de cabelos pretos cacheados.

— E a caridade, Nando? Você devia me perguntar primeiro se estou sentindo dor, se o ferimento é grave. Só então é que Nando viu que a mão esquerda de Levindo estava ensanguentada.

— Me desculpe – disse Nando –, eu não tinha reparado. Como é que você se machucou assim?

Levindo se levantou do canto sombrio em que estava e respondeu com certo orgulho, erguendo a mão:

— Se machucou, não senhor. Me machucaram. Tiro, Nando. Bala de rifle. O Brasil se civiliza. (idem, p. 9)

A primeira fala de Levindo já é direcionada a atacar a crença mística e a postura ascética do padre: “— Você pensou mesmo que o esqueleto tinha aberto os pulsos, Nando?”. A dinâmica simbólica da cena também revela muito sobre o processo de mundanização que Nando enfrentará. O tom vermelho – referência ao sangue derramado nas lutas contra o latifúndio – mancha a brancura das caveiras do ossuário, outrora intocadas por mãos impuras. A dinâmica da profanação já representa de maneira subjacente a entrada do discurso político na esfera religiosa, um tema que, na nossa visão, perpassa toda a obra.

Apesar de exercer uma influência decisiva no processo de “deseducação” de Nando, Levindo não é o personagem que leva o padre a conhecer a realidade brasileira. Contrariando as expectativas do discurso nacionalista, o autor implícito elege um casal de jornalistas ingleses como preceptores de Nando em uma jornada de descoberta do país. Leslie e sua esposa Winifred é que conduzem Nando ao Engenho Nossa Senhora do Ó, local extremamente

simbólico na trama, já que nele nasce a chamada Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores, um embrião das Ligas Camponesas.

Apesar de ficar comovido com a situação dos camponeses, o padre vira as costas para a situação social nordestina, pois crê na necessidade de restauração das “bases espirituais do país”. Sugestionado por uma formação anacrônica e repleta de misticismo, Nando desenvolve – sem considerar a dimensão prática do empreendimento – o projeto evangelizador de fundar uma comunidade religiosa entre os índios do Xingu. No entanto, a vocação missionária de Nando não é suficiente para que sua viagem ao Xingu seja realizada, pois ele teme não resistir à nudez das índias.

No âmbito do romance, as contradições da postura vacilante de Nando são ironicamente atribuídas a problemas libidinais, gerando uma curiosa articulação entre questões políticas e sexuais. Dentro desse quadro, a tensão sexual do protagonista se converte em paralisia e culpa, evidenciando que, na obra de Callado, as aspirações coletivas só podem ser realizadas se os desejos individuais também forem satisfeitos. Partindo dessas observações, podemos constatar que as mudanças de ordem comportamental também são centrais para o desenvolvimento da obra, gerando a percepção de que *Quarup* segue à risca a ideia de que o âmbito pessoal também é político. Essa nova forma de encarar a esfera pública sem separá-la das questões de ordem privada ganhou força nos anos 60, momento em que a revolução dos costumes começou a despontar e ganhar espaço em todo mundo. As “transformações” de Nando são bastante significativas nesse contexto, pois o protagonista só consegue converter suas grandiosas pretensões em ação quando tem sua primeira relação sexual com a inglesa Winifred. A partir desse episódio libertador, o personagem consegue finalmente encaminhar seu projeto evangelizador e partir para o Xingu.

II.

O desejo utópico de padre Nando em instaurar uma espécie de comunidade ideal, “uma terra prometida” no Alto Xingu, é permeado de contradições. A pretensão de reconstruir a experiência da chamada República Guarani sem levar em conta seus aspectos práticos esbarra no processo de “colonização” moderno empreendido pelo governo nacional-desenvolvimentista de Getúlio Vargas. A chamada Marcha para o Oeste⁴ visava ocupar o vasto território desconhecido do centro, no contexto de elaboração de uma política expansionista levada a cabo pelo ideário nacional-desenvolvimentista da época. Muitos dos índios que habitavam a região ainda não tinham tido contato com o homem branco, por isso Nando crê que esses nativos seriam “seres plásticos, amoldáveis...” (idem, p. 81). Através da “salvação” da alma do índio (“o novo Adão”), o padre franciscano deseja fundar uma nova raça de seres humanos não maculados pelo pecado.

[4] Segundo o pesquisador Marcos Martinelli (2006, p. 24): “Nos anos 40, durante o governo de Getúlio Vargas, notadamente por razões geopolíticas decorrentes da Segunda Guerra Mundial, foram criados dois órgãos institucionais com o objetivo de mapear e colonizar o vasto incógnito território do Brasil Central: a expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central. Com objetivos desenvolvimentistas, o primeiro deveria mapear e desbravar o território desconhecido. O segundo visava promover o êxito do progresso nacional implementando núcleos populacionais nas localidades indicadas pela Expedição”.

No projeto messiânico de Nando ressoa a influência das narrativas maravilhosas dos primeiros “descobridores” da América que, segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda (Cf. 1959), acreditavam ter encontrado o paraíso nas terras longínquas do novo continente. A base desse tipo de imaginário místico se mistura ao desconhecimento de outras paisagens e formas de vida para produzir o “mito” de um país predestinado. As cartas, diários de viagens e textos que dão conta da descoberta de novas terras revelam a necessidade de interpretar uma realidade distinta e desconhecida de acordo com um repertório já conhecido. Nesse sentido, os textos bíblicos e profecias eram mobilizados para dar um sentido a uma experiência de alteridade radical. Para o protagonista de *Quarup*, que nunca havia tido contato com a floresta ou com os índios, assim como para os primeiros viajantes e evangelizadores, que também desconheciam o Novo Mundo, o território a ser desbravado é muito mais uma construção imaginária e simbólica.

Além de estilizar o ponto de vista fantástico do colonizador, as várias camadas que integram o discurso de padre Nando também revelam o papel central do deslocamento geográfico para a conformação da visão intelectual do Brasil. De acordo com essa visão, somente o deslocamento para os confins do território nacional pode proporcionar o contato com os espaços e modos de vida autenticamente brasileiros.

Na dinâmica da narrativa, as contradições do discurso de Nando serão reveladas na práxis, na medida em que suas ações desmentem o que ele enuncia. As inspirações messiânicas que justificam o projeto utópico de instauração de uma comunidade ideal no seio da Floresta Amazônica são relativizadas no segundo capítulo do romance, quando o personagem “sonhador” entra em contato com os burocratas do SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Nessa ocasião, Nando modifica seu discurso de missionário desinteressado e revela as segundas intenções da igreja no processo de instauração das modernas missões:

Nós [a igreja] temos nossos próprios fundos e mantemos missões no Araguaia, no Rio Negro, no Tapajós. O que queremos agora, com o estabelecimento do Xingu, é formar a ponta de lança final para a conquista dos índios brasileiros que ainda não entraram em contato com a civilização.

— Que civilização? – disse do fundo da sala o Fontoura. – A civilização que temos – disse Nando. – A civilização do Brasil. (idem, p. 98)

Dentro de um contexto expansionista em que há uma aposta na modernização como forma de integrar os territórios mais afastados, a chegada de Nando ao Xingu possui conotações oficiais. A catequese empreendida

pela igreja constituiria uma força que auxiliaria o Estado no processo de povoamento do Centro-Oeste. Depois de fundada a prelaia de Nando, o presidente Getúlio Vargas planejava visitar a região para inaugurar o Parque Nacional do Xingu, uma grande reserva que demarcava as terras indígenas e dificultaria as ações dos grileiros (os bandeirantes do século XX). Vargas, como bom político populista, sustentava uma postura ambígua de acenar tanto para os sertanistas, que pressionavam o SPI para a construção da reserva, quanto para os ruralistas, que desejavam transformar o Planalto Central em um gigante pasto de gado. A viagem oficial do presidente ao Centro-Oeste deixa todos os homens brancos que habitam o Posto Capitão Vasconcelos, no Xingu, em êxtase, pois pela primeira vez a causa indígena receberia atenção do poder executivo. No entanto, avançando na leitura da obra, descobrimos que a visita de Vargas era uma farsa que havia sido planejada para que o presidente pudesse se ausentar do Rio devido à crise política inaugurada pelo atentado ao jornalista Carlos Lacerda.

Para organizar a visita do presidente Vargas e do ministro Gouveia ao Posto Capitão Vasconcelos, os funcionários do SPI convocam o mateiro Vilar. O curioso personagem é construído como um Hércules desenvolvimentista cuja força é exaltada por seus colegas: “Vilar – disse Otávio irritado – é uma espécie de máquina de desbravar” (idem, p. 148). Inicialmente, Vilar deve construir uma pista de pouso que viabilize a chegada dos aviões oficiais no território inóspito e selvagem. No entanto, para mateiro o empreendimento é a grande oportunidade de trazer os avanços da “civilização” para a selva: “Eles [os índios] também são brasileiros e devem ajudar o Brasil a crescer” (idem, p. 146).

Embora pareça estar ao lado dos indígenas, a verdadeira face de Vilar será posteriormente desvelada. Depois da grande virada provocada pelo suicídio de Vargas, o heroico mateiro passará a trabalhar para Gonçalo, um fazendeiro inescrupuloso conhecido por grilar grandes porções de terras indígenas. Gonçalo viabiliza, junto ao presidente Juscelino Kubitschek, a construção da Transbrasiliana. Para Vilar, a estrada da “integração nacional” possibilitaria enfim a união simbólica de todo o território brasileiro, possibilitando enfim o desenvolvimento das regiões mais longínquas.

Quem oferece um contraponto ao discurso enérgico de Vilar é o sertanista Fontoura, o único funcionário do SPI empenhado em proteger as terras e os costumes das tribos. O personagem possui uma visão bastante negativa e até mesmo mórbida do processo de modernização, na medida em que o avanço da “civilização” geraria a aniquilação do índio “puro”. Dessa forma, Fontoura também desconfia do discurso abnegado de Nando, por isso, discorda frontalmente do projeto missionário do padre. Apesar disso, o discurso ateu do sertanista possui um forte substrato cristão, que o irmana ao jovem padre. Fontoura não acredita na abnegação como princípio ético, mas, à medida

que percebe a inevitabilidade da aniquilação do elemento autóctone pelo processo modernizador, o sertanista resigna-se a morrer com os índios, como uma espécie de mártir que vê no autossacrifício a única forma de projetar sua luta na história:

[...] [Fontoura] dedicou sua vida aos índios. Aderiu ao suicídio deles. Quando morre uma manada de índios de um sarampo qualquer o Fontoura toma porres intermináveis e tem uma loucura recorrente. (idem, p. 164)

O discurso paternalista do funcionário do SPI fica, em grande medida, ocultado pela sua postura abnegada, o leitor passa a nutrir simpatia pelo personagem, visto que, no romance, ele é o grande protetor dos índios. No entanto, não podemos deixar escapar os motivos pelos quais Fontoura defende a construção do Parque Nacional do Xingu. Para o sertanista os índios deveriam ficar isolados da sociedade dentro de um grande campo envolto por arame farpado, como em um zoológico, onde se preservam animais selvagens da extinção.

A visão pessimista de Fontoura encontra ressonâncias no discurso de Ramiro Castanho, diretor do SPI, que, apesar do cargo, não se interessa pelos índios e despreza a floresta xinguana. Como representante da intelectualidade brasileira durante a Primeira República, Ramiro adota o discurso cientificista que elege a doença como traço distintivo do povo brasileiro. De acordo com Francisco Venceslau dos Santos (1999, p. 161), Ramiro satiriza o discurso higienista que também colaborou na construção das interpretações sobre o Brasil. Nesse sentido, o ponto de vista do médico representa uma espécie de síntese entre as posições defendidas pelo sanitarista Miguel Pereira, autor da famosa frase “O Brasil é um hospital”, que se tornou lema das campanhas pelo saneamento nos sertões do país, e as concepções do ensaísta Paulo Prado, expostas em sua famosa obra *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Para Prado (cf. 1928), a miscigenação produziu uma raça de brasileiros enfermiços, lânguidos e angustiados. Tanto nos discursos dos sanitaristas, que se baseavam nos relatórios das expedições científicas emitidos pelo Instituto Oswaldo Cruz, quanto na perspectiva do intelectual aristocrata, o Brasil possuiria uma vocação para a doença e para os estados melancólicos, o que constituiria um obstáculo ao progresso do país:

[...] A coisa é a seguinte. Há no Brasil uma vocação para a doença. O Brasil é um grande hospital! A tal frase do Miguel Pereira ficou. [...] cinquenta milhões de homens, mulheres e crianças entre lençóis, olhando para o teto, em cinquenta milhões de leitos de ferro branco. (CALLADO, 2014, p. 118)

A apatia dos indivíduos minados pela doença constitui uma metáfora trágica das consequências do subdesenvolvimento e do imobilismo dos brasileiros (cf. SANTOS, 1999, p. 163). Há nessa visão um fatalismo que acentua a inviabilidade da formação do país enquanto nação “civilizada”. De acordo com a perspectiva de Ramiro, o Brasil interiorano é uma praga, sempre descrito em termos de doença, sujeira e abandono. Em oposição a esse país desprezado existe o Brasil litorâneo também condenado pelo parasitismo e pela imitação das tendências americanas.

III.

No que se refere à representação do indígena, pode-se notar que a perspectiva de Nando é impregnada de senso de caridade cristã que, ao mesmo tempo, revela um sentimento de superioridade cultural. O sacerdote chega a questionar, inclusive, se os indígenas sofrem como homens ou se estariam mais próximos dos animais, pois os nativos “viviam mais em contato com Deus do que com a História”. O caráter assistencialista das ações de Nando parte de uma constatação acerca da disparidade entre a posição do homem civilizado e a do selvagem brutalizado. Essa perspectiva pode ser vislumbrada na breve relação que Nando desenvolve com Aicá, um membro da tribo acometido por fogo-selvagem, doença semelhante à lepra.

A aproximação do intelectual e do índio doente é feita por meio do recurso ao *páthos*, revelando uma tentativa de transpor os abismos sociais e culturais. Diante dessa tentativa de irmanação completa, Nando evoca, a exemplo de Fontoura, a perspectiva do martírio como imperativo ético. Por trás da abnegação, há um sentimento de superioridade moral; se assim não fosse, o sacrifício da felicidade individual do homem civilizado em face sofrimento do selvagem não valeria a pena. A glória propiciada pelo martírio é reservada somente para aqueles que possuem a verdadeira vocação missionária:

Compreensíveis os santos e santas que beijavam os leprosos e lhes lambiam docemente as feridas. Nem compaixão e nem perversão. A recusa da saúde se havia gente torturada assim. Para continuar aceitando Deus. Se aquilo era permitido é que teria um sentido qualquer e merecia amor. Nando disse a si mesmo, com paixão, que beijaria os pés de Aicá se pudesse lhe dar alívio. Quando talvez a cura fosse a do puro amor sem qualquer esperança terapêutica. (CALLADO, 2014, p. 163)

O voluntarismo de fundo religioso faz com que Nando deseje agir como “os santos e santas que beijavam os leprosos”. No entanto, apesar de toda

comoção impregnada em seu discurso, Nando, inicialmente, não faz nada de realmente concreto para auxiliar o índio doente. Só depois de gestar lentamente o sentimento de mártir, o padre finalmente arrepende de sua atuação como representante oficial dos planos da igreja. Nesse contexto, Nando resolve renunciar ao sacerdócio. Na viagem de volta ao Recife, presencia a construção da Transbrasiliana e testemunha com amargura os efeitos do processo “civilizatório” na vida dos índios:

A Transbrasiliana estava então ainda pequena, nem metade do que era agora, mas implacável, ferindo o lombo da terra não com ferro frio e passageiro de enxada, mas com ferro em brasa. Jerusalém é aqui, bradava na floresta a via ímpia. Só mesmo chorando de desalento e vergonha diante das preleções depois de vista a estrada: as meninas de soturno vestido comprido e fita de filha de Maria no pescoço, os curumins de calção e camisa de meia, transferidos do Éden para um subúrbio, rezando o terço alto e cantando ladainha à beira do rio embebido como um sabre de trevas no flanco barrento do Amazonas. (idem, p. 265)

Como resultado do aprofundamento de uma visão crítica em relação à situação real dos nativos, ocorre uma progressiva degradação do espaço amazônico que outrora era visto como um refúgio. A imagem do paraíso terrestre idealizado por Nando é desfeita por completo no quarto capítulo do romance. Neste, o leitor passa a acompanhar uma expedição montada pelo SPI para tentar localizar o Centro geográfico do país. No universo da obra, a busca pelo Centro representa uma tarefa histórica de busca pela essência da nacionalidade intocada pelos valores estrangeiros. Em um contexto marcado pelos nacionalismos culturais, *Quarup* satiriza a jornada dos intelectuais, revelando os interesses pessoais por trás do empenho épico dos personagens. Ramiro Castanho, o organizador da expedição, pretende localizar o paradeiro de Sônia, uma dançarina que era objeto de seus desejos, mas que havia se embrenhado na mata na companhia do índio Anta; Nando quer se reaproximar de Francisca, sua amada, agora viúva de Levindo, que havia sido assassinado pela polícia; já o etnólogo e jornalista Lauro quer coletar material para sua estranha tese sobre o “caráter nacional” e alcançar a glória pessoal.

Durante o trajeto, os membros da expedição se perdem na mata e acabam tendo um infeliz encontro com os *cren-acaróre*, uma tribo indígena que estava sendo dizimada pela malária. A imagem da tribo sofrendo de uma diarreia infinita produz novamente um diálogo com a visão doentia elaborada em torno do país pelos intelectuais higienistas. O contexto de degradação a que é submetido o nativo evoca em Nando a lembrança dos sertanejos, que

também morriam lentamente, esquecidos pelo Brasil “civilizado”. A doença é vista por Nando como único elemento capaz de irmanar as populações não litorâneas (indígenas, caboclos, nordestinos) reduzidas a uma mesma massa de marginalizados:

[...] Os demais, pensava Nando, eram um bolo que já havia adquirido homogeneidade racial. Os caraíbas emagreciam de diarreia, todos crescendo em ossos e minguando em carnes. À medida que se descarnavam, ressecavam e empalideciam, os índios se tornavam menos mongóis, mais brasileiros, um grupo de paraíbas, de cearás, de jecas mineiros só que nus em pelo. (idem, p. 341)

Finalmente, quando, depois de muitas peripécias, a expedição consegue chegar ao Centro do país, os personagens abismados deparam-se com um grande formigueiro. A degradação das figuras indígenas e do centro do Brasil parece representar, nesse contexto, a ruína das utopias nacionais que projetavam a fuga para a natureza como forma de refúgio. A exuberância da paisagem brasileira, cuja exaltação era marcada por tintas ufanistas, é corrompida pela praga das saúvas.⁵

[5] Segundo Edison José da Costa (1998, p. 138): “A recorrência ao plano excrementício, com a diarreia dos *cren-acaróre*, evoca o estado doentio, de debilitação e desamparo em que se encontra a nação”.

A alegoria do Centro do Brasil como um gerador dos males que assolam a nação é construída com base em uma relação intertextual estabelecida com duas obras que, a seu modo, também problematizam o nacionalismo exacerbado. O personagem Macunaíma, do livro homônimo de Mário de Andrade, já alertava em seu discurso inflamado: “Muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são” (ANDRADE, 1978, p. 85). Entre os tormentos do funcionário público Policarpo Quaresma, sempre disposto a trabalhar para a grandeza da nação, estão as saúvas que, juntamente com a corrupção das autoridades e a inapetência para o trabalho, arruinam seus esforços de agricultor.

A paródia do nacionalismo exacerbado, que contaminou o discurso anti-imperialista durante os anos 50 e 60, fica mais nítida quando observamos o discurso do personagem Lauro, um intelectual da capital que se dizia folclorista, mas temia a floresta e repudiava os índios de carne e osso. A fábula do jabuti, uma história em que a personagem mais fraca (o jabuti) vence a mais forte (anta) utilizando somente a astúcia, ilustra o didatismo do intelectual que deseja inculcar nos seus semelhantes os valores da luta anti-imperialista. Lemos:

[...] Sabe como é que o jabuti matou a anta, não?
 — Não – disse Nando.
 — Saltou no escroto da anta e espremeu até a anta morrer!
 Boa, não é?

— Magnífica história – disse Nando. – Tem humor, tem seu toque sinistro. Muito boa.

— E programática, Nando. É só passarmos à ação, de nossa parte. Está tudo no conto. Seminal. (...) – Você não acha que basta copiar a fábula?

— Bem, exatamente não sei. Espremer os culhões dos americanos até eles irem embora? (idem, p. 293)

Nesse trecho, emblemático no que tange à troca dos projetos de emancipação política concebidos durante o período de furor nacionalista, evidencia-se novamente o papel desempenhado pelo diálogo no sentido de relativizar os posicionamentos representativos dos setores da *intelligentsia* brasileira. Novamente, a dissonância entre o discurso empenhado e as ações vacilantes do intelectual pequeno-burguês, que desconhece a realidade, ganha um aspecto notadamente cômico. No caso de Lauro, observa-se uma tendência mistificadora que atribui os males da sociedade brasileira às interferências estrangeiras. No contexto dos anos pré-64, esse tipo de postura gerou um equívoco histórico que distorceu os componentes da luta de classes, o inimigo identificado era o americano contra o qual o brasileiro em geral, sem especificação de classe, deveria lutar. O discurso neutraliza as contradições sociais sob a égide de uma “identidade nacional” que unifica os supostos “patriotas”, mas não rompe com “o sistema de conciliações então engrenado” (SCHWARZ, 1978, p. 79).

O embate discursivo que relativiza as nobres intenções das camadas intelectuais não é a única linha predominante em *Quarup*, na medida em que as projeções utópicas da obra utilizam as raízes populares dos movimentos messiânicos enquanto fonte de um simbolismo associado à resistência das camadas oprimidas. A “sensibilidade” de Nando em relação às demandas dos desfavorecidos é essencial para entender a concepção de utopia e a consequente opção do padre/intelectual de abandonar seus privilégios e colocar-se ao lado do “povo” em suas lutas. Por outro lado, o sentimento de piedade mobilizado pela formação religiosa do protagonista não deixa de fornecer uma série de visões ideológicas, já que opera uma abstrata universalização de tipo particular e cria uma relação de falsa igualdade.

A mistificação dos setores oprimidos fica ainda mais nítida no quarto capítulo da obra. A essa altura do relato, o romance parece mudar de tom; ainda que a contraposição discursiva não desapareça do romance, é como se o narrador de fato aderisse à perspectiva do protagonista. Este, ao lado de sua amada Francisca, volta ao Recife. O leitor é novamente conduzido ao contexto de efervescência social que lhe fora apresentado no início do romance. Nesse cenário, Nando se engaja na luta pela reforma agrária, enquanto Francisca participa do MCP (Movimento de Cultura Popular do Recife), alfabetizando os

camponeses. O protagonista também atua ao lado de Januário e comunistas como Otávio, Jorge e Djamil no processo de expansão das Ligas Camponesas. A igreja nordestina, representada pela figura de padre Gonçalo, responsável pela criação do MCP, teme perder terreno para o marxismo.

O contexto remete à progressiva radicalização das lutas do campesinato durante a gestão progressista do governador Miguel Arraes. O ex-sacerdote, que abandonou sua batina e seu projeto no Xingu, mas não deixou de lado o misticismo, crê que em Pernambuco se dará a verdadeira construção do “mundo de Levindo”, um território onde impera a justiça social e a vida é organizada em comunidade. Apesar de ter mudado de paisagem, Nando ainda sustenta um projeto utópico semelhante àquele que o conduziu ao Centro do Brasil:

- Nós havemos de fazer aqui o mundo de Levindo, Francisca. Francisca ajeitou melhor a panelinha d’água no fogo azul do espiriteiro.
- E se a gente não conseguir, Nando? E se não for possível?
- Será possível, Francisca. Vem vindo, vem vindo – disse Nando
- esse mundo vem vindo. (CALLADO, 2014, p. 399)

Durante esse período, o ex-padre conhece o vaqueiro Manuel Tropeiro, que se torna seu grande amigo. No contexto da narrativa, Manuel é um homem simples, mas que adquire consciência graças ao método de alfabetização de Paulo Freire. Por meio da representação de Manuel e dos dirigentes das Ligas Camponesas, o romance demonstra como a alfabetização fornece aos oprimidos as condições de se tornarem sujeitos da própria libertação. Em contrapartida a esse processo de conscientização, há no romance uma excessiva idealização dos personagens das camadas populares, com exceção do personagem Joselino dos Santos, pai rancoroso do jangadeiro Amaro; os populares aparecem como figuras essencialmente boas e sedentas de justiça. Assim, o “povo” também é representado no romance de acordo com as projeções da intelectualidade da época. O que podemos chamar de substrato pré-burguês, os índios, os jangadeiros e os camponeses aparecem como portadores da redenção. Esses elementos vindos do passado seriam os agentes propulsores de um futuro diferente. Como consequência dessa mitificação das camadas populares, temos a ida do protagonista ao “povo” e a desidentificação com as camadas intelectuais:

- Não podia receber Manuel, falar a Manuel como falava a Jorge ou Lídia ou lá quem fosse. Manuel Tropeiro não se tinha o direito de decepcionar. [...] Com Manuel se entendia. Não havia livros separando os dois. (idem, p. 483)

Apesar de atuarem sob a égide do populismo, os movimentos sociais e populares não são enfraquecidos; pelo contrário, as forças de auto-organização dos camponeses são cada vez maiores⁶, o que gera um desconforto imenso nos latifundiários da região. Nesse cenário complexo, as lideranças das Ligas Camponesas se reúnem para organizar uma marcha de apoio ao presidente João Goulart e ao governador Miguel Arraes. No entanto, o protesto é duramente interrompido pela tropa do IV Exército, que prende Januário, Nando e os líderes das Ligas. Os camponeses se revoltam diante do espancamento de Hermógenes, líder da Liga de Pesqueira, mas, indefesos e desarmados, os participantes da marcha apenas ensaiam um lamento coletivo composto pelas lições do método Paulo Freire. A cena é bastante simbólica e ilustra como o golpe de 64 veio silenciar a voz momentaneamente cedida aos oprimidos:

— Isto não é democracia, governo do povo?

—Que é que tu está falando aí? – berrou um soldado na cara dele.

Feito menino que assobia no escuro o camponês saiu com o resto da lição:

[...] Foram tocados para dentro dos carros aos empurrões por soldados pálidos que por desconhecerem a Lição 74 acreditavam na súbita loucura daqueles homens um momento atrás tão silenciosos e mansos. – Cra, cre, cri, cro, cru. Escravo.

— DECRETO, CRISE, LUCRO! – O BRASIL CRESCE COM CRISES, MAS CRESCE. DEMOCRACIA. CRA, CRE, CRI, CRO, CRU. (idem, p. 412)

Nos porões do VI Exército, Nando e seus companheiros são torturados e um camponês é morto. Nesse contexto, Nando fica frente a frente com o Coronel Ibiratinga, figura sinistra que se espelhava nos Inquisidores para planejar os interrogatórios e torturas com intuito de purificar “a alma doente do Brasil” (idem, p. 417). Na simbologia construída pela obra, pode-se interpretar que Ibiratinga é a própria encarnação do Anticristo, um falso profeta que honra um deus militar, é versado na religião – o Coronel se autodenomina um teólogo de um novo tipo – e prega o contrário do que dizia Cristo, estimulando o ódio entre seu povo.

[6] No Brasil, o conceito de *populismo* está historicamente vinculado à figura de um líder carismático que com suas promessas e concessões doméstica uma massa de alienados. No entanto, o fenômeno possui nuances e contradições que dependem de uma análise caso a caso. Para acompanhar melhor esse debate recomenda-se a leitura do livro *O populismo e sua história: debate e crítica*, organizado por Jorge Ferreira.

Depois de solto, Nando decide fundar sua “academia de artes amorosas”, formando uma comunidade de desajustados sociais em torno de si. A manifestação da caridade de Nando dá-se de maneira exclusivamente profana quando ele passa a desenvolver seu “apostolado do amor”. Segundo o crítico Henrique Manuel D’Ávila nessa altura do romance, o Nando parece reescrever parodicamente a passagem do *Novo Testamento* (João, 13, 34) em que Jesus profere a famosa frase: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei”.

Em uma casa na praia que recebe de herança dos pais, Nando passa a viver no ócio, dedicando-se unicamente a sua nova missão de deitar-se com as mulheres necessitadas de amor. A teoria do ex-padre é que os homens deveriam distribuir seu amor entre as mulheres, principalmente as mais feias, como forma de demonstração de caridade. Mais uma vez, em uma atitude de pura “benevolência”, Nando dedica-se a ensinar os amantes fracassados. Devido ao seu sucesso em atrair mulheres, Nando acaba angariando a admiração dos pescadores que passam a segui-lo no seu Apostolado do Amor.

Nando ainda é vigiado pelo Exército a pedido de Coronel Ibiratinga, mas, ignorando as advertências dos comunistas, resolve organizar um grande jantar em homenagem aos dez anos do assassinato de Levindo. O jantar possui dimensões simbólicas importantes, pois estabelece uma referência direta ao episódio bíblico da Santa Ceia. Nando convoca para a ceia todos os párias, os pescadores e as prostitutas da região, assumindo de vez sua opção pelos oprimidos e humilhados conforme havia feito Jesus.

Progressivamente, o leitor é imerso em uma dimensão ritualística já que Nando revela que a cerimônia seria uma maneira de “devorar Levindo” (idem, p. 549). O ex-padre pretende deglutir simbolicamente Levindo para incorporar sua força e tornar viva a memória das lutas sociais que marcaram o período anterior ao golpe de 64: “Estamos hoje aqui para comer o sacrifício de Levindo, comer sua coragem e beber seu rico sangue de brasileiro novo” (idem, p. 525).

Após o discurso de Nando, a Marcha da Família por Deus e pela Liberdade atravessa o ritual e destrói tudo. No meio da confusão, Nando é espancado pelo sargento Xique Xique e fica entre a vida e a morte. O ex-sacerdote é levado para a Quinta do mosteiro onde vivia no começo do romance; lá passa por inúmeros suplícios físicos e espirituais, enfrentando uma experiência sobrenatural de quase morte, quando enfim seu coração é trespassado por uma flecha de fogo – a passagem remonta o episódio em que Teresa D’Ávila, em um de seus momentos de êxtase divino, tem seu coração varado por uma lança. Logo após esse acontecimento, Nando sai do coma profundamente transformado pelas experiências místicas que tivera e pelas marcas da tortura, deixam cicatrizes permanentes: “Nando teve as entranhas varadas pela ponta lancinante de uma dor. Depois uma cutilada no peito. Uma lança enfiada no flanco esquerdo. O

espírito se levantava de chofre e Nando entrava de novo da miséria de sua humanidade” (idem, p. 552).

Depois dessa experiência de quase morte, o protagonista adquire plenamente a imagem simbólica do Deus Guerreiro da Segunda Vinda, figura capaz de libertar os oprimidos através da violência revolucionária. Nesse contexto, a violência é vista como uma espécie de redenção (“sem derramamento de sangue não há redenção” – Hebreus, 9, 22) e é a partir de sua plena aceitação que o herói popular/mártir assume tarefa de conduzir os pescadores, vaqueiros e camponeses para a guerra

No último capítulo do romance, “O mundo de Francisca”, o narrador assinala que a “deseducação” de Nando estava completa. A afirmação ainda será reforçada pela cena seguinte, que mostra o ex-sacerdote, outrora tão contrário à violência, assassinando um soldado sem nenhum remorso, uma vez que a experiência nacional de dor e de morte já havia sido assimilada na sua formação de mártir revolucionário. Após o ocorrido, Nando, ironicamente fantasiado de jagunço⁷ durante o carnaval, parte para o sertão ao lado de Manuel Tropeiro. A cena da partida adquire ares explicitamente messiânicos, revelando a imagem de um mundo utópico que se aproximava por meio da ação revolucionária. Nesse contexto, o sertão é metonimicamente transformado no mundo de Francisca:

Sentia que via vindo a grande visão. Sua deseducação estava completa. O ar da noite era um escuro éter. A sela do cavalo um alto pico. Da sela Nando abrangia a Mata, o Agreste e sentia na cara o sopro do fim da terra saindo das furnas da rocha quente. E viu: aquele mundo todo com sua cana, suas gentes e seus gados era Francisca molhando os pés na praia e de cabelos ardendo no Sertão. [...] Só tinha como sensação de continuidade o fio de ouro de Francisca, assim mesmo porque era um fio fiado com astúcia na trama do mundo a vir. (idem, p. 554)

O intelectual despido do “prestígio da escrivinha” transforma-se em um guerrilheiro, um “homem novo”⁸, cuja principal característica, segundo Ernesto “Che” Guevara, formulador do conceito, é o “inacabamento” de seu caráter e o “voluntarismo” de suas ações: “Nesse período de construção do socialismo podemos ver o homem novo que está nascendo. Sua imagem não está, todavia, acabada. Não poderia estar nunca já que o processo marcha paralelamente ao desenvolvimento de formas econômicas novas”. Assim, indivíduos dotados de consciência política e que atuam na vanguarda deveriam fazer sacrifícios pessoais em prol do coletivo. Ainda segundo Guevara, o verdadeiro revolucionário é guiado por “grandes sentimentos de amor”

[7] O historiador Eric Hobsbawm realiza em seu livro *Bandidos* (1975, p. 22) uma breve análise do fenômeno do cangaço e, principalmente, da figura de Lampião: “Historicamente, caminham de mãos dadas o banditismo e o milenarismo – as mais primitivas formas de reforma e de revolução. E quando sobrevêm os grandes momentos apocalípticos, os grupos de bandidos, aumentados pela fase de tribulação e expectativa, podem insensivelmente converter-se em outra coisa”.

[8] “O homem como indivíduo dirigente das massas que fazem história”. (Guevara, 1997, p. 218)

(1997, p. 219) pelo seu povo. Em *Quarup*, a trajetória de Nando estabelece uma conexão com a transformação do homem defendida por Guevara. Ao final da narrativa, o intelectual camaleônico abraça sua vocação de “mártir popular”, abandonando seus anseios pessoais e, no limite, sua própria identidade, ao assumir o codinome de Levindo. Na nossa avaliação, o desfecho do romance de Callado evidencia uma mistificação da missão política do intelectual, o que entra em contradição com a relativização do discurso da *intelligentsia* brasileira realizado durante grande parte do livro.

Adeline Alves Vassaitis é mestranda no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. A autora tem interesse pelos romances da Ditadura Militar e desenvolve sua pesquisa sobre o romance *Quarup*, de Antonio Callado, com orientação da Profa. Dra. Ana Paula Pacheco. O presente artigo foi apresentado como trabalho final do curso “Antonio Candido e a crítica brasileira”, ministrado pelo Prof. Dr. Edu Teruki Otsuka.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Arturo Gouveia de. *Literatura e repressão pós-64: o romance de Antonio Callado*. João Pessoa: Ideia, 2006.

ÁVILA, Henrique Manuel. *Da urgência à aprendizagem. Sentido da história e romance brasileiro dos anos 60*. Londrina: Ed. UEL, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CALLADO, Antonio. *Quarup*. São Paulo: José Olympio, 2014.

CANDIDO, Antonio. "Um instrumento de descoberta e interpretação". In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012, p. 429-437.

CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140 -162.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

CHAUÍ, Marilena. "Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados" In: Dagnino, Evelina (Org.). *Anos 90: Política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, Édison José da. *Quarup: tronco e narrativa*. 2. ed. Curitiba: UFPR, 1998.

GULLAR, Ferreira. "Quarup ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente". *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 15, 1967, p. 251- 258.

HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975, p. 22.

LEITE, Lúcia Chiappini Moraes. *Quando a pátria viaja. Uma leitura dos romances de Antonio Callado*. Havana: Ediciones Casa de las Américas, 1983.

MARTINELLI, Marcos. *Antonio Callado, um sermonário à brasileira*. São Paulo: Anna-blume; FAI. 2006.

SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Callado no lugar das ideias. Quarup. Um romance de tese*. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.

CHAUÍ, Marilena. "Cultura e política: 1964-1969" In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHAUÍ, Marilena. "Nacional por subtração" In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29-48.

SODRÉ, Nelson. "O momento literário". *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 15,1967. p. 218-222.

XAVIER, Ismail. *Alegorias do subdesenvolvimento. Cinema novo, tropicalismo, cinema marginal*. São Paulo: Cosac Naify. 2012.

